



Por vontade da fundadora, no Hospital Ortopédico de Sant'Ana, na Parede, reside uma comunidade de freiras dominicanas, que ao longo de 115 anos tem zelado pela instituição. Hoje há apenas sete irmãs e a sua presença é discreta, mas não irrelevante

João Pedro Pincha

**Q**uando a conversa já vai longa e a visita toca em praticamente todos os pontos, a irmã Celina senta-se numa cadeira e põe-se a olhar o Cristo crucificado lá em baixo. Faz-se então um súbito silêncio, muito profundo, ocasião rara nas mais de duas horas que leva a mostrar os recantos daquela casa.

Celina Laranjeiro traz o entusiasmo nas palavras e nos passos. Quer mostrar tudo, quer contar tudo, ainda que o faça com a ponderação de palavras que a vida lhe foi ensinando a ter. Há quase 50 anos que as paredes deste Hospital de Sant'Ana são sinónimo de casa para a freira dominicana, e isso perpassa em cada palavra que diz, mas também nas que prefere calar.

O hospital, especializado em ortopedia, é um grande edifício amarelo virado ao mar na costa do Estoril. Aqui está, na vila da Parede, há 115 anos. E as Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena estão quase desde o princípio. Chegaram a ser várias dezenas, hoje são sete. Com 78 anos, Celina Laranjeiro é a mais nova.

O silêncio desfaz-se, porque afinal ainda há coisas para ver. A freira levanta-se, abandona aquele postigo sobranceiro à capela hospitalar e

reentra no trifólio, onde ainda há pouco mostrava um pequeno órgão, instrumento que veio para fazer as vezes de outro que se avariou e acabou por ficar mesmo depois do regresso do primeiro. A irmã organizada, que acompanha as missas e outras celebrações, tem 87 anos. “Ela esquece-se de tudo, mas a música não esqueceu”, comenta a irmã Celina.

A Capela de Sant'Ana é um espaço surpreendente no hospital. O edifício, apesar de estar forrado a azulejos com motivos vegetalistas, é simples nas linhas e recatado na decoração. A capela, pelo contrário, é toda exuberância. As paredes estão cobertas por pinturas de panejamentos, frisos, flores de lis. O tecto do altar-mor, uma meia abóboda que lembra os templos bizantinos, é um céu estrelado. Nos capitéis das colunas há folhas e aves, nas ferragens há diabretes, as janelas têm vitrais dos santos padroeiros. Não admira que a capela tenha sido o último espaço a ser inaugurado, um ano depois do hospital.

Quando Celina Laranjeiro chegou, em 1973, o trifólio (uma galeria na parte superior da capela, em toda a sua volta) era usado como camarata da congregação, pois havia mais de 30 freiras ao serviço. Aliás, esses aposentos não eram suficientes e as

**Celina e as restantes irmãs dominicanas ocupam o tempo a distribuir afecto pelas enfermarias e salas de espera das consultas**

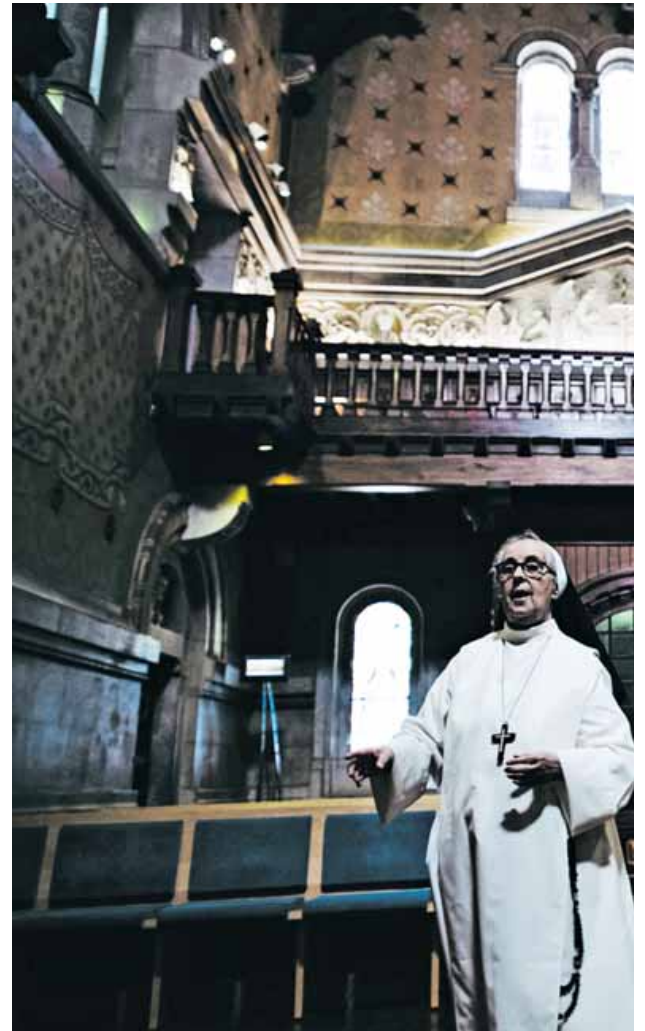
irmãs dividiam-se ainda pelas camaratas do pessoal hospitalar e pelas caves. Na sala de convívio da pequena congregação, anexa à capela, a irmã mostra uma fotografia dos anos 1960 com duas dezenas de freiras alinhadas na escadaria principal. Sabe o nome de todas e o que lhes aconteceu depois. Muitas estiveram por ali durante várias décadas, outras partiram para onde precisavam delas.

“Eu vim para cá quando acabei o curso de Enfermagem Geral. Antes tinham-me mandado para África, para ser professora de Religião e Moral. Tinha 24 anos, era uma professorinha”, relata Celina Laranjeiro. “Depois disseram-me: ‘Ah, precisamos de irmãs na Parede.’” Aos 30 anos, depois de ainda ter sido orientadora de noviças no Colégio de S. José, no Restelo, foi aprender a ser enfermeira, um gosto que até já vinha de trás. “No colégio aprendi a dar injeções a almofadas e laranjas, pensei que era o mesmo dar injeções a humanos”, diz, com uma gargalhada.

**Um sanatório com vista para o mar**

O Hospital de Sant'Ana começou por ser um sanatório. Idealizado por Amélia e Frederico Biester, que morreriam ambos de tuberculose óssea, foi aberto pela tia destes, Claudina Chamiço, que instituiu a obrigatoriedade de ali residir em

# As guardas San





# diãs de t'Ana

FOTOS: ANDREIA GOMES CARVALHO

permanência uma congregação de freiras. As primeiras foram as irmãs de S. Vicente de Paulo, mas a implantação da República, em 1910, acabaria por afastá-las da Parede. “A dona Claudina tinha o sanatório cheio. Então fez saber ao Afonso Costa que ou permitia haver religiosas, ou preferia pôr duas trancas no sanatório”, relata Celina Laranjeiro. Entraram aí em cena as freiras dominicanas, que durante muitos anos até assumiram cargos de administração, mesmo depois de o hospital ter passado para a gestão da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, onde ainda se mantém.

Com a erradicação da tuberculose, Sant’Ana deixou de ser sanatório e assumiu-se como hospital ortopédico, vocação que já vinha desenvolvendo. “Enfermeiros, médicos, técnicos de radiografia, técnicos de próteses. Todo esse pessoal teve de virar-se para a ortopedia. Foram as irmãs que orientaram a formação”, conta Celina. Várias religiosas passaram temporadas no estrangeiro a aprender, transmitindo depois os conhecimentos ao pessoal do hospital. “Faziam-se aqui formações que eram verdadeiros cursos de enfermagem de ortopedia, com uma carga horária bastante relevante.”

Chegou depois o 25 de Abril, um período a que a irmã Celina prefere dar pouca atenção. “Dentro do hospital houve as manifestações próprias da época: assembleias gerais, comissões de gestão, etc. No meio da confusão nem sabíamos bem quem era o quê. A irmã que devia ser administradora andava aí a regar o jardim.” Entre 1978 e 1982, contrariando abertamente o que Claudina Chamiço tinha deixado em testamento, o hospital foi de gestão pública. “Deve ter havido uma distração, foi um lapso histórico”, resume. O assunto está despatchado.

## “Vai ficar bem, vai ficar bem”

A presença das religiosas no hospital é hoje discreta, mas ainda relevante. À saída do trifório, na porta que dá para os quartos da congregação, está a irmã Elvira a passar a ferro. É desde há uns anos a responsável pela Obra Social de Sant’Ana, que presta auxílio a antigos doentes. “Damos apoio a pessoas que precisem de qualquer coisa: banho, ir a qualquer sítio”, explica Elvira. “Neste momento apoiamos seis pessoas.”

Os quartos das freiras e os que estão afectos à Obra, destinados a pessoas que precisem de tratamentos e não tenham onde ficar, são muito simples e até austeros. O mobiliário é de ferro, a decoração é a estritamente necessária. As irmãs riem-se e dizem que não trocam estas camas velhinhas por nada.

Lá em cima, nos aposentos, não se vê muito mar, nem entra muito sol. Mas logo por baixo fica o Jardim de Inverno, duas grandes salas onde a luz solar jorra e faz brilhar os muitos azulejos com desenhos de papoilas, girassóis, hortensias, palmas. “Nos anos 1980 tínhamos aqui à sexta-feira uma longa-metragem. O técnico de raio x ficava cá de sexta para sábado para projectar o filme”, relata a irmã Celina. “Em tempos mais antigos havia teatro, feito por doentes, pelas irmãs e pelo pessoal. Os internamentos eram muito mais longos do que hoje”, lembra. Por esse motivo também existiu uma escola primária dentro do hospital até ao início dos anos 1990.

“Eu em peças nunca entrei, mas saltei muitas vezes à fogueira no S. João. Os doentes não podiam saltar, saltávamos nós!”, ri-se outra vez Celina Laranjeiro.

A irmã, que trabalhou em todos os departamentos do Sant’Ana como enfermeira, reformou-se em 2010. “Compulsivamente. Foi o computador que me reformou”, sublinha. O alerta era desnecessário, porque a sua energia é evidente à primeira troca de palavras. Nos dias que correm, além de integrar o conselho directivo do hospital e a comissão de qualidade e humanização hospitalar, Celina e as restantes irmãs dominicanas ocupam o tempo a distribuir afecto pelas enfermarias e salas de espera das consultas. Uma irmã, agora com 90 anos, dedicava-se até há pouco a entrar nas Consultas Externas e a repetir a todos os que lá estavam: “Vai ficar bem, vai ficar bem.”

“É uma actividade humanitária”, resume Celina Laranjeiro. “As freiras são muito optimistas. Se nos mandam, acreditamos que temos a graça e vamos conseguir.”



**No colégio aprendi a dar injeções a almofadas e laranjas, pensei que era o mesmo dar injeções a humanos”**

**Celina Laranjeiro**  
Freira dominicana

joao.pincha@publico.pt

